

E SE

IF

Ivanete França Galvão de Carvalho¹

Quando nasci, não teve aquela festa de comemoração da primeira filha, muito pelo contrário, o pai se fez de desentendido e a mãe chorou três dias sem parar. Passado esse tempo e o barrigão já estava quase a explodir, cheguei sem intervenção cirúrgica, porque eu tinha pressa e vim a caminho do hospital, no ônibus mesmo. Depois de ter sido socorrida, minha mãe com aguaceiros nos olhos me perguntou, com algumas horas de vida: E se eu deixar você aqui para uma família de verdade te criar? Isso aconteceu há vinte e três anos.

– Clarabela, agora é a tua vez! disse a diretora do espetáculo.

Estou com as pernas bambas. Embora saiba que isso é normal num concurso tão importante para mim e para todos os participantes do XXVIII Internacional de Ballet Anvra, não deixo de sentir as vibrações daquele primeiro dia de vida. O que eu seria hoje se aquela primeira conversa tivesse tido outro rumo?

A música terminava de tocar. Minha apresentação foi quase impecável. Fui a segunda colocada. Estou feliz por, de agora em diante, fazer parte do corpo desta companhia de Ballet.

– Venha cá, meu amor! Eu sabia que você seria selecionada. Você é incrível! Minha mãe caminhava comigo enrolada nos panos do hospital. Ninguém foi nos buscar, então, não tinha outro jeito senão andar sem direção. Ela tinha apenas 14 anos e eu um dia. Não havia muito o que esperar. Mas quis a vida que nossa história fosse diferente...

– Ei mocinha, por que você chora tanto? Onde está indo com esse bebê? - perguntaram simultaneamente.

¹ Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutoranda em Estudos Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Pesquisa a escrita feminina do século XIX e outros escritos" sob o título "'O Recreio das Damas' e busca nos estudos interartísticos a intermediação da poesia com as artes plásticas.

– Para lugar nenhum, meus senhores. Eu não posso voltar para casa com ela.
- respondeu minha mãe de cabeça baixa.

– Cadê sua família, o pai da criança?

– Nós não temos família.

Os dois trocaram olhares. Minha mãe percebeu o tanto de dó que tiveram de nós, porém não nos trataram como coitadinhas. Perguntaram se estava disposta a viver na casa deles. Se havia alguém com quem poderiam falar sobre essa oferta. Mamãe se lembrou que não tinha mais mãe, que seu pai era alcoólico e aquele que teria sido seu namorado, desapareceu já tem alguns meses.

– Quantos anos você tem? Como se chama?

Ela respondeu meio cabreira - Lola! Na verdade, nada a afetava, nada a causava pânico, apenas queria sentar em algum lugar para amamentar a sua bebêzinha. As coisas aconteceram bem depressa. Foi tudo arranjado. Ganhamos uma família. Eu cresci com dois pais e minha mãe. Ganhei um registro e mamãe também. Como ela era menor de idade foi recebida em doação. Essa vida é muito enigmática. Minha mãe não tinha mãe, mas agora tinha dois pais que são as duas coisas para ela. Eu a tenho, que é minha mãe e, tenho dois pais que parecem mães também, de tanto que cuidam de mim e de minha mãe. Hoje mamãe tem 37 anos, meus pais, bem, eles são um pouco mais velhos que a mamãe. E se a mamãe tivesse me deixado...